

A CONSTRUÇÃO DO OUTRO E O ENSINO DE HISTÓRIA: O ORIENTE MÉDIO CONTEMPORÂNEO NA SALA DE AULA

David Anderson Zanoni¹

Resumo: O debate em torno do Oriente Médio contemporâneo é pauta dos principais jornais e meios de comunicação nos últimos trinta anos. Esse tema complexo, quando se trata de *mass media* ocidental, tende a ser simplificado ou analisado de forma unilateral e parcial, justamente pelo lugar de discurso que ocupa. No caso da sala de aula, educadores e historiadores precisam estabelecer um diálogo problematizador, crítico e reflexivo em torno dessas temáticas que se apresentam na sociedade com viés homogeneizante, formador de preconceitos e que fomenta o ódio às culturas tidas como exógenas, caso do Oriente muçulmano. Para tanto, recorremos a análise de conteúdo a partir de um formulário digital respondido pelos estudantes do Ensino Fundamental II, da Rede Municipal de Ensino de Getúlio Vargas - RS. Os resultados puderam demonstrar que a ideia do Orientalismo é inerente ao processo de ensino/aprendizagem. Portanto, essa é a proposta, apresentada aqui, através deste breve esboço cujo objeto de pesquisa é a própria sala de aula e o ensino de História.

Palavras-chave: Ensino de História. Mídia. Oriente Médio. Orientalismo.

Abstract: The debate around the contemporary Middle East has been on the agenda of the main newspapers and media in the last thirty years. This complex theme, when it comes to Western mass media, tends to be simplified or analyzed in a unilateral and partial way, precisely because of the place of discourse it occupies. In the case of the classroom, educators and historians need to establish a problematizing, critical and reflective dialogue around these themes that present themselves in society with a homogenizing bias, forming prejudices and fostering hatred of cultures considered to be exogenous, such as the Muslim East. For that, we resorted to content analysis from a digital form answered by students of Elementary School II, from the Municipal Education Network of Getúlio Vargas-RS. The results could demonstrate that the idea of Orientalism is inherent to the teaching / learning process. Therefore, this is the proposal, presented here, through this brief outline whose object of research is the classroom itself and the teaching of history.

Keywords: History teaching. Media. Middle East. Orientalism.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao tempo em que circulam notícias do Oriente muçulmano através dos mais diversos e variados meios de comunicação, a representação política, cultural e social deste espaço geográfico parece ser exclusivamente traduzida em um mundo de violência, caos e desordem. Um lugar assolado por guerras e imerso no mais profundo fanatismo religioso. Portanto, a partir desse prisma, tanto harmonia, quanto paz social inexistem. Uma sociedade mergulhada no mais puro retrocesso, aonde o mais notório é a representação dos escombros, ruínas, desolação e morte.

A guerra é um produto comum nesse espaço, o qual não parece haver progresso, liberdade e/ou modernidade. Dessa forma nos convém perguntar: existe um marco na história do tempo presente para tal foco noticioso atrelado ao Oriente Médio na imprensa ocidental? Como são transpostas essas informações? Ademais, qual o interesse destes meios de

¹Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (PPGH/UPF). Graduado e Mestre em História pela UPF e professor de História na Rede Municipal de Ensino de Getúlio Vargas - RS. E-mail: david_zanoni@hotmail.com
Getúlio Vargas, RS. Online / vol.1, n.1.p. 128-143. IDEAU 2021

comunicação em noticiar ao mundo tais questões? Além disso, seria totalmente desprezioso tal olhar acerca dos povos do Oriente Médio? E assim, como podemos debater esse assunto em sala de aula com e sem a influência midiática constatada? Enfim, uma série de perguntas apresenta-se ao pensarmos o Oriente muçulmano e, a partir disso, procuraremos responder tais inquietações com a proposta de estudo aqui apresentada.

Todas essas indagações, sobre o Oriente Médio, em especial o Oriente muçulmano e Árabe estão presentes nas aulas de História. O ensino de História não é opinião, mas sim um componente curricular comprometido com a formação integral do ser humano: crítico, reflexivo, democrático, baseado em estudos científicos, problematizando a realidade que o cerca e, principalmente refutando preconceitos, estereótipos, homogeneizações, frutos do senso comum.

Esse artigo procura debater as formas como certos conteúdos são abordados em sala de aula no ensino de História tratando-se da temática do Oriente Médio, sobretudo após o 11 de setembro de 2001, data do ataque às torres gêmeas do World Trade Center em Nova Iorque, nos Estados Unidos da América. Analisar-se-á também, como a mídia de massa (*mass media*) constrói representações e sentidos sobre a referida temática, formando opiniões que podem ser debatidas criticamente nas aulas de História.

O Oriente Médio e todos os elementos que se referem a esse espaço geográfico são, muitas vezes, como já referidos, estranhos ou exógenos às pessoas. Assim, a proposta contempla a análise das opiniões de estudantes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Pedro Herrerias, pertencente à rede municipal de ensino da cidade de Getúlio Vargas, localizada no norte do Rio Grande do Sul. A escola possui cerca de 320 estudantes nos turnos manhã, tarde e noite, nas modalidades Educação Infantil até o Ensino Fundamental Anos finais e Educação de Jovens e Adultos.

Através de um formulário eletrônico, construído no Google formuláriosⁱ, foram feitas seis perguntas que os estudantes foram convidados a responder de forma voluntária: 1) O que você conhece sobre o Oriente Médio? 2) O que já ouviu falar ou assistiu nos noticiários sobre o Oriente Médio ou sobre a cultura islâmica? 3) Você já ouviu falar do país chamado Irã? O que sabe sobre ele? 4) Você visitaria um país localizado no Oriente Médio? Justifique sua resposta. 5) Como você acredita ou imagina que vivem as pessoas que habitam os países que vivem no Oriente Médio? 6) Quais dos itens abaixo você acha que estão mais vinculados ao Oriente Médio ou ao islã? Você pode marcar quantos quiser. O formulárioⁱⁱ foi

disponibilizado no ambiente virtual chamado *Google Classroom*, ou Google sala de aulaⁱⁱⁱ, para as turmas de 7º ao 9º ano, totalizando 76 estudantes, entre 12 e 16 anos.

Partindo das respostas dos estudantes, procurar-se-á analisar qual é a imagem ou representação que eles possuem do Oriente Médio e do Irã^{iv} partindo de seus conhecimentos prévios, ou da ausência de tal contexto presente nas questões sugeridas no formulário.

Nesse sentido, de acordo com Marco Lucchesi,

O desafio intelectual deste século reside no fim de uma visão parcial e negativa de que são vítimas as culturas do Oriente diante de nossa arrogância intelectual. Se o Ocidente é Acidente, e não Destino, se é Parte, e não Todo, como pode outorgar a si mesmo a condição de Leitor ideal do que se passa nas areias do Tchad ou nas mesquitas da Caxemira? (...). (LUCCHESI, 2002).

O autor destaca o desprendimento de representações preconcebidas ou intencionalmente fixadas para estabelecer sentidos de verdade e criar um imaginário que procura explicar fenômenos de forma unilateral, sem nenhuma problematização. Dessa forma, os estudantes acabam materializando uma noção de Oriente Médio sendo marcados pelos elementos que descrevemos no início desse artigo. Aqui entra o papel dos professores, sendo mediadores do conhecimento e trazendo, através de bibliografias e outros estudos acadêmicos comprometidos com a qualidade e seriedade científica, elementos que problematizem aquilo que parece o único recurso de construção do conhecimento e produto comercial as *mass media*.

AS MÍDIAS E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE O ORIENTE MÉDIO

Em 2013, o filme “Argo”, dirigido por Ben Affleck, ganhou o Oscar de melhor filme da Academia de Cinema. A entrega foi emblemática, pois o prêmio, maior da honraria na categoria do cinema hollywoodiano, foi feita pela então primeira dama estadunidense, Michelle Obama. A obra em questão procura retratar o episódio de resgate, arquitetado pela *Central Intelligence Agency*, a CIA, de 6 diplomatas estadunidenses no contexto da Revolução Iraniana em 1979 e a tomada da embaixada dos Estados Unidos em novembro daquele ano. O longa-metragem, além de dirigido pelo ator Ben Affleck, tem o ator como protagonista da trama, um agente da autarquia federal estadunidense responsável pelo plano de resgate dos agentes diplomáticos em meio ao contexto revolucionário iraniano.

Como de costume, a visão dos fatos gira em torno do heroísmo estadunidense que nunca mede esforços para proteger, resgatar ou salvar um dos seus cidadãos, ou seja, norte-americanos em perigo. A audácia e eficiência da Agência de Inteligência dos Estados Unidos, com outros filmes conhecidos, realça uma ideia de tornar possível o impossível. Algo totalmente impensado ou que teria tudo para dar errado é contornado pela capacidade de infiltrar-se ou buscar meios de concretizar os objetivos. Enfim, planos perfeitos, sempre em nome de um bem maior, a salvação do planeta e, em especial, de um cidadão dos Estados Unidos são motes comuns. O inimigo, por sua vez, é variado: ora são os nazistas, se tratando de Segunda Guerra Mundial, ora são os soviéticos, quando se trata de Guerra Fria, e em nosso exemplo específico, os Orientais muçulmanos, islâmicos. No caso do Irã, o filme retrata a população como irracional, atrasada e raivosa. Gritos de morte ao satã, em referência aos Estados Unidos, atraso, antimodernismo, fanatismo religioso, falta de liberdade, etc., são fatores preponderantes na representação dos iranianos.

Existem outros exemplos de produções que retratam esse choque ou combate ao “terror” e a produção de sentidos acerca dos povos existentes no Oriente Médio, quais sejam: Falcão Negro em perigo (2001); Fahrenheit: 11 de Setembro (2004); Voo United 93 (2006); Guerra ao Terror (2008); Ameaça terrorista (2010); Argo (2012); A hora mais escura (2012); Sniper Americano (2014); “Survivor” (2015); Decisão de Risco (2016); Trem para Paris (2018), apenas para ilustrar alguns entre outros que poderiam ser citados. Outra mídia que explora o tema EUA contra “inimigos” do mundo civilizado, leia-se o Ocidente, são os jogos eletrônicos, os vídeo games e os jogos de computador, por exemplo, estão entre os prediletos dos adolescentes. A internet, em suas mais diversas plataformas (computadores, notebooks, tablets, celulares, etc.) inclui-se na predileção dos estudantes quando necessitam buscar informações sobre determinados assuntos. Além disso, em um número inferior, estão os telejornais, as novelas, e, em um número bastante reduzido jornais e revistas. Nesse sentido o pesquisador búlgaro Tzvetan Todorov (2010), explica que,

Tal pessoa corre o risco de tornar-se bastante perigosa no dia em que vier a decidir que o mundo inteiro deve beneficiar-se das vantagens próprias de sua sociedade e que, a fim de esclarecer melhor os habitantes dos outros países, ele tem o direito de invadir seus territórios. Esse foi o raciocínio adotado, no passado, pelos ideólogos da colonização, mas também, frequentemente, pelos apóstolos da ingerência democrática ou humanitária, hoje em dia. O universalismo dos valores ameaça, então, a ideia de que as populações humanas são iguais entre si e, portanto, também a universalidade da espécie. (TODOROV, 2010, p.23)

O problema está justamente no filtro que esses estudantes fazem no momento de analisar as informações, nos referidos meios e plataformas disponíveis. Sem problematizar, na maioria das vezes, em grande medida, esses jovens acatam os dados recolhidos como verdades. Se tratando de certos perfis ideológicos midiáticos, a produção de sentido sobre determinado assunto, povo ou cultura, acaba por ser o produto que se materializa como resposta final, pronta e acabada.

O chamado imperialismo moderno e a sua expansão civilizacional pretendida por parte dos países ocidentais, principalmente ao final do século XIX, através do neocolonialismo, fortaleceram e potencializaram as relações belicosas entre Oriente e Ocidente. Inglaterra e França, apenas para citar os países que ocuparam posições territoriais em grande parte da Ásia e África - especialmente no Oriente Médio, durante o século XIX e o primeiro quarto do XX, foram exemplos desse processo. Tal expansionismo dividiu e segregou o mundo entre os ditos civilizados: modernos, industrializados, representados pelo Ocidente, e, do outro lado, os bárbaros: incivilizados, fanáticos religiosos, atrasados e não industrializados, representados pelos não ocidentais.

O conceito de civilização universal é um nítido produto da civilização ocidental. No século XIX, a ideia do “fardo do homem branco” ajudou a justificar a expansão do domínio político e econômico ocidental sobre as sociedades não-ocidentais. No final do século XX, o conceito de uma civilização universal ajuda a justificar o predomínio cultural do Ocidente sobre as outras sociedades e a necessidade para essas sociedades de imitar as práticas e as instituições ocidentais. O universalismo é a ideologia do Ocidente para confrontações com culturas não-ocidentais. (HUNTINGTON, 1997, p. 78).

Essa leitura de mundo ideal, tendo como pressupostos os valores cristãos, liberais e democráticos, é frequentemente reforçada nos meios de comunicação, principalmente na imprensa. Tal prática, contudo, não é fruto apenas das mídias de massa modernas e recentes, muito antes, tal exercício data dos projetos de ocupação ocidentais ao Oriente no século XVII. Este é um debate suscitado pelo pesquisador Edward Said, que denomina tal prática ocidental de *Orientalismo*, configurando-se, em resumo, na tentativa de interpretação do Oriente pelo Ocidente. Assim, segundo Said,

[...] a indagação imaginativa das coisas orientais era baseada mais ou menos exclusivamente numa consciência ocidental soberana, de cuja centralidade não

questionada surgia um mundo oriental, primeiro de acordo com as ideias gerais sobre quem ou o que era um oriental, depois de acordo com uma lógica detalhada regida não apenas pela realidade empírica, mas por uma bateria de desejos, repressões, investimentos e projeções. (SAID, 2007, p.35).

Portanto, para Said, o Orientalismo é a forma de visão ou leitura do Ocidente acerca do Oriente, conferindo-lhe, através de pseudo-orientalistas e produções ditas parciais, científicas e objetivas, sua visão de mundo em relação ao Oriente e sua cultura. Para o autor, “a relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação, de graus variáveis de uma hegemonia complexa.” Nas palavras do autor,

O orientalismo, portanto, não é uma visionária fantasia européia sobre o Oriente, mas um corpo elaborado de teoria e prática em que, por muitas gerações, tem-se feito um considerável investimento material. O investimento continuado criou o Orientalismo como um sistema de conhecimento sobre o Oriente, uma rede aceita para filtrar o Oriente na consciência ocidental, assim como o mesmo investimento multiplicou – na verdade, tornou verdadeiramente produtivas – as afirmações que transitam do Orientalismo para a cultura geral. (SAID, 2007, p. 33-34).

Said entende que existe, essencialmente, a construção de um arcabouço de teorias que procuram designar as sociedades orientais, em especial do Oriente Médio, como inferiores e bárbaras. Assim sendo, a partir do Orientalismo, seria um dever dos especialistas ocidentais ou orientalistas de levar o padrão ocidental de civilização ao Oriente, guiando suas vidas para um ideal de mundo harmonioso, democrático, liberal, progressivo e moderno. Partindo dessa premissa ocidental, entende-se que o Ocidente acredita ter autoridade e propriedade para definir o Oriente, estruturando-se então em uma espécie de “hegemonia cultural em ação que dá ao Orientalismo a durabilidade e a força necessária [...] uma ideia de Europa”, além disso, “uma noção coletiva que identifica o ‘nós’ europeus contra ‘aqueles’ não-europeus [...] a ideia de uma identidade européia superior a todos os povos e culturas não-europeus.” (SAID, 2007, p.34).

Além de Said, outro autor dedicado a apresentar as contradições ligadas ao discurso estadunidense e a pretensa busca pela paz mundial é o italiano Domenico Losurdo. Na obra: *A linguagem do império: léxico da ideologia estadunidense*, com tradução no Brasil em 2010, o autor analisa o discurso ocidental com o objetivo de dismantelar as ideologias vigentes e

historicamente determinadas, justificadoras do domínio da modernidade capitalista e liberal do Ocidente e seu poder desmedido.

“Estamos em guerra” e “A guerra contra o terrorismo será longa e difícil” são as declarações que hoje ecoam na boca dos governantes, nos editoriais e nos artigos dos órgãos de informação, nos livros e libelos que competem na produção do alarme contra o perigo que paira sobre o Ocidente.

[...] E eis que, as acusações, dirigidas em primeiro lugar ao mundo islâmico, de “terrorismo”, de “fundamentalismo” (o caldo de cultura da violência terrorista) ou de cego “ódio contra o Ocidente”, outras acusações ressoam, ou melhor, ribombam.

[...] Nesse clima de mobilização total contra os bárbaros às portas da cidadela do Ocidente, e até nela instalados, seria ingênuo esperar equilíbrio e rigor na utilização das categorias, chamadas, na realidade, para rotular o inimigo e seus cúmplices e, portanto, empunhadas e brandidas como armas de guerra. (LOSURDO, 2010, p. 13-14).

Já no prefácio de sua obra, o autor apresenta as contradições presentes acerca do conceito de terrorismo ou a aparente ideia de segurança nacional ou prevenção contra o chamado terror oriundo, sobretudo, dos países islâmicos. Tal entendimento faz-se imprescindível frente a atual situação apresentada pela mídia ocidental acerca dos países do Oriente muçulmano. Em um exercício intelectual simples, ao solicitarmos para uma pessoa que pense no referido termo, o terrorismo, e o associe a um local, grupo de pessoas ou cultura, potencialmente o Oriente Médio será a resposta. Esse lugar-comum, ao qual o termo remete, é resultado da incessante noticição em que os países orientais aparecem na imprensa, tendo imediatamente sua ligação com o conceito de terrorismo. Segundo Losurdo (2010)

Se por terrorismo de massa entendermos o desencadeamento da violência contra a população civil com o intuito de alcançar determinados objetivos políticos e militares, devemos dizer que na história o exemplo mais clamoroso dessa forma horrível de violência foi o aniquilamento nuclear de Hiroshima e Nagasaki. (LOSURDO, 2010, p. 21)

Para Karen Armstrong (2001), autora que se dedica ao estudo das relações entre Oriente e Ocidente, o termo fundamentalismo, entretanto, tem origem na própria sociedade Ocidental, muito antes de se utilizar esse conceito referendando o Oriente. Tal conceito remonta ao século XIX nos Estados Unidos quando os protestantes temiam que a chamada

Getúlio Vargas, RS. Online / vol.1, n.1.p. 128-143. IDEAU 2021

“Era moderna” da industrialização, afastaria as pessoas da religiosidade e do purismo religioso. Ávidos pela modernidade, estes fiéis esqueciam-se dos fundamentos da fé e, nesse sentido, um grupo de religiosos teria, então, começado o resgate junto aos crentes estadunidense, prestes a desviarem-se nas tentações da sociedade moderna: álcool, jogos, drogas, prostituição, etc. Segundo a autora, no livro “Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo”, Karen Armstrong afirma que,

A mídia ocidental muitas vezes dá a impressão de que a forma de religiosidade armada e ocasionalmente violenta, conhecida como “fundamentalismo”, é um fenômeno puramente islâmico. O que não é verdade. O fundamentalismo é um fato global e em toda religião importante tem surgido como resposta aos problemas da nossa modernidade. (ARMSTRONG, 2001, p. 219-220)

Ainda, de acordo com a autora.

Entre 1910 e 1915 publicaram-se uma série de doze panfletos intitulada *The fundamentals*, em que, numa linguagem acessível, destacados teólogos conservadores expunham doutrinas como a da Trindade, refutavam a crítica superior e enfatizavam a importância da difusão da verdade dos Evangelhos. Cerca de 3 milhões de exemplares de cada panfleto foram remetidos, gratuitamente, para todos os pastores, professores e estudantes de teologia dos Estados Unidos. (ARMSTRONG, 2009, p.237).

Armstrong demonstra que os fundamentalismos, ou seja, a observação mais rígida da religiosidade está presente em todas as principais religiões monoteístas. Contudo, observamos na mídia, principalmente a ocidental, a vinculação única e exclusiva desse aspecto ao islã. Dificilmente é visto em uma reportagem de televisão ou em impressos como jornais e revistas ações ditas fundamentalistas de cristãos e/ou mesmo de judeus.

O contexto do término da Segunda Guerra Mundial marca um ponto crucial nas relações entre Oriente e Ocidente, sobretudo com a emergência do conflito bipolar. Oriundo das potências ditas vitoriosas da guerra (1939-45), a chamada guerra fria estendeu-se por quase cinco décadas e ao final, com o desmantelamento do estado soviético, em 1991, as relações oriente e ocidente pareciam normalizadas ou estabilizadas. Neste sentido preconizou-se o “Fim da História” escrito em 1989 pelo cientista político Francis Fukuyama.

A polêmica tese do autor tratava de analisar o desfecho da guerra fria como o término do atrito político-ideológico. Desta forma, o sistema capitalista liberal não teria mais competidores com a falência do sistema socialista soviético. Contudo, o autor reconhecia que tal falta de concorrência não se estendia ao que Fukuyama chamava de “mundo islâmico”, assim segundo ele,

No fim da história a democracia liberal não tem mais nenhum competidor ideológico importante. No passado a democracia liberal foi rejeitada porque todos acreditavam que era inferior à monarquia, à aristocracia, à teocracia, ao fascismo, ao totalitarismo comunista, ou a qualquer outra ideologia. Mas fora do mundo islâmico, parece haver consenso geral que aceita a afirmação da democracia liberal de que é a forma mais racional de governo, isto é, o Estado que realiza com maior perfeição o desejo racional ou o reconhecimento racional. (FUKUYAMA, 1990, p.259-260).

Contrariando essa paz pretendia, sobretudo após a revolução iraniana de 1979, países do Oriente Médio opuseram-se aos modelos políticos liberais ocidentais, iniciando uma nova série de conflitos que se estendem até os dias recentes. Desta forma, Ocidente e Oriente mantêm-se em conflito, agora em um enredo que envolve além do contexto econômico, questões culturais, sociais e, principalmente, religiosas. Segundo Kanaan (2005),

A política externa americana tem encoberto um perfil claramente expansionista. Os pretextos utilizados para os bombardeios preventivos no Iraque não escondem o real interesse econômico de reformular a geopolítica da região em busca de governos mais amigáveis aos EUA. Se houvesse preocupações humanitárias legítimas, a nação americana teria tomado atitudes veementes contra o genocídio étnico promovido por Milosevic na Iugoslávia, ou também, não faria vista grossa para os ataques contra alvos civis palestinos promovidos pelo governo de Israel. Cabe ressaltar, que o número de crianças que morreram no Iraque durante o embargo econômico a partir de 1991 é igual ao número de vítimas do ataque de 11 de setembro. (KANAN, 2005, p. 9).

Noam Chomsky (2004) com seu debate em torno do imperialismo estadunidense torna-se importante neste estudo. O autor discute a ideia de manutenção do poder dos Estados Unidos desde o fim da Segunda Guerra Mundial até os nossos dias. Em que pese, Chomsky propõe o debate a partir de alguns exemplos do governo Ronald Reagan (1981-1989) e, com ênfase especial, ao governo George Bush II (2001-2009), principalmente as ações de Getúlio Vargas, RS. Online / vol.1, n.1.p. 128-143. IDEAU 2021

retaliação do governo de Washington contra o Afeganistão no pós 11 de setembro de 2001 e, posteriormente, no Iraque em 2003, contra Saddam Hussein.

O desdém pelas leis e instituições internacionais foi especialmente flagrante nos anos Reagan-Bush – o primeiro reinado dos membros do atual círculo de Washington -, e seus sucessores continuaram a insistir que os Estados Unidos se reservaram o direito de agir “unilateralmente quando necessário”, incluindo aí o “uso unilateral do poderio militar” para defender interesses vitais, tais como “o acesso ilimitado a mercados-chave, suprimentos de energia e recursos estratégicos”. Essa postura, contudo, não era propriamente nova. (CHOMSKY, 2004, p. 21).

O autor demonstra como o governo dos Estados Unidos contrariou a ONU impondo uma pauta de dominação e opressão militar para, pretensamente, salvar o mundo do oriente islâmico. Das questões apresentadas por Chomsky, nos interessa em particular a tese das duas potências mundiais: os Estados Unidos, principalmente o Estado e sua política de segurança nacional, além da opinião pública mundial.

E nesse sentido continua,

Estudos revelaram, no início de 2003, que o medo inspirado pelos Estados Unidos atingira picos impressionantes no mundo todo, juntamente com a desconfiança em sua liderança política. O menosprezo pelas necessidades e pelos direitos humanos elementares combinavam-se a uma demonstração de desdém pela democracia para o que não é fácil achar paralelos, tudo isso acompanhado de discursos abundantes em promessas de devoção aos direitos humanos e à democracia. (CHOMSKY, 2004, p.10)

Parece-nos essencial retomar aqui esta temática a partir do debate em torno da dicotomia entre os conceitos de bárbaro e civilizado. O búlgaro erradicado na França, Tzvetan Todorov, nos apresenta, em sua obra: *O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações*, traduzido no Brasil em 2010, um estudo apurado e denso sobre as noções de barbárie e civilização, tendo por intento interpretar os conflitos que, atualmente, opõem países ocidentais ao resto do mundo.

Para falarmos das relações que se estabelecem entre povos ou sociedades, devemos abordar, inicialmente, uma questão difícil: será que se pode utilizar os mesmos critérios para julgar atos que têm a ver com culturas diferentes? Neste ponto, fica a

impressão de que não se escapa a um exagero sem cair, imediatamente, em outro. Quem acredita em julgamentos absolutos, portanto, transculturais, corre o risco de considerar seus valores habituais como universais, de praticar um etnocentrismo ingênuo e um dogmatismo cego, convencido de deter para sempre o que é verdadeiro e justo. (TODOROV, 2010, p.23)

Assim, desde o advento da modernidade tais conflitos, sejam em qualquer dos âmbitos já referidos ou aqui propostos, têm sido reportados e anunciados através das mídias. Sejam através de jornais ou revistas, a mídia escrita e falada, filmes, jogos, livros, etc. sendo o veículo que transpõe cotidianamente fatos e acontecimentos mundiais. Tal aspiração ao universalismo cultural e, por definição, de valores, é apresentada por Todorov como preocupante e, como o próprio autor alerta, um perigo se utilizado por lideranças mundiais para definir políticas internacionais.

A SALA DE AULA: O PAPEL DOS PROFESSORES FRENTE ÀS MÍDIAS

Ao ingressar na docência, após a formação inicial nas instituições de ensino superior, e mesmo após passar pela fase de estágios, os professores se veem desafiados. Uma série de aspectos se apresenta em um chamado “mundo real” que está longe do “mundo ideal” visualizado, tanto nas aulas da universidade, quanto nos livros lidos na formação dos professores.

Primeiramente, lidamos com burocracia estatal (seja ela de qualquer esfera de atuação), incluindo as equipes diretivas das escolas. Depois iniciamos a convivência com o ambiente escolar (colegas professores, funcionários) e, por fim, e mais importante, os estudantes. Em sala de aula temos que desenvolver o trabalho fazendo escolhas como: abordagem, didática, método, recursos didáticos, avaliação. Para o docente engajado, esses desafios são instigantes e estimulam sua busca pelo aperfeiçoamento constante: cursos de pós-graduação, formação continuada (ofertada ou não pela rede de ensino que está atuando) e, obviamente, não podemos negar o plano de carreira que o professor está inserido, o qual pode estimular ou desestimular o profissional da educação.

Posto esses elementos iniciais, o trabalho em sala de aula após as escolhas acima referidas, sobretudo quando se trata de um conteúdo, por vezes exógeno, desconhecido, principalmente para o docente, o rigor do estudo prévio e da organização do material se mostra ainda maior. Assim, temas como o Oriente Médio, o islã, e tudo mais que concerne ao Getúlio Vargas, RS. Online / vol.1, n.1.p. 128-143. IDEAU 2021

chamado mundo muçulmano, requerem atenção e problematização. Não que os demais assuntos, conteúdos sejam mais fáceis ou simples, contudo, a questão aqui é a forma com que os estudantes chegam à escola com o conhecimento prévio adquirido nas mídias que já foram debatidas.

Para ilustrar essa realidade, passamos agora a observar os resultados obtidos na pesquisa que foi sugerida aos estudantes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Pedro Herrerias, como objeto de pesquisa acerca desse estudo.

RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO

Após a disponibilização do formulário, os estudantes tiveram cerca de duas semanas para responder as perguntas. Ao final desse período foram registradas 32 respostas, de um total de 76 estudantes. O número se deve a dois fatores: o acesso que muitos ainda não possuem ao computador e segundo, o próprio desinteresse com a temática, o que também é um indício de desconhecimento.

Com relação à primeira pergunta do total, 15 estudantes atribuíram suas respostas ao fato de ser uma região rica em petróleo. Outros 6 atrelaram o Oriente Médio ao caráter religioso, 1 aluno respondeu que se tratava de um lugar que tem especiarias e os demais, ou seja, 10 responderam que não tinha o menor conhecimento sobre.

A segunda pergunta 16 estudantes relataram que já viram filmes ou noticiários sobre o Oriente Médio e o Islã, e nessas visualizações o que lhes marcou foi a questão religiosa, as vestimentas “muito diferentes das nossas” e, novamente, a questão do petróleo. Outros 6 alunos relataram que viram na TV que se trata de uma região de terroristas. Os demais, cerca de 10 estudantes disseram que não sabiam nada a respeito.

As respostas referentes à terceira pergunta demonstraram que, apenas 7 estudantes já ouviram falar a respeito do Irã, os outros nunca ouviram, leram ou assistiram algo sobre ou não tem conhecimento acerca do assunto.

Questionados de como imaginavam a vida das pessoas que habitam o Oriente Médio, os estudantes colocaram que acreditam que esses povos vivem em guerra constante, passam necessidades, convivem com a violência, o terrorismo, são controlados por rígidos sistemas políticos ligados a religiosidade.

Sobre a possibilidade morar ou visitar algum país do Oriente Médio, a maioria dos estudantes relatou que não teriam interesse, nem de residir, nem de visitar. Atribuíram a negação à violência das guerras, ao rigor religioso, as vestimentas das mulheres. Entretanto, 6 estudantes relataram que visitariam por curiosidade.

Por fim, provocados a ligar conceitos ou ideias sobre o Oriente Médio e o Islã, tendo disponíveis os seguintes termos: paz, petróleo, guerra, terrorismo, cinema, fanatismo religioso, violência, destruição, cultura, arquitetura, especiarias, alfabeto, números e, caridade, o resultado foi que, 2 alunos atribuíram a paz, 10 o petróleo, 13 a guerra, 19 o terrorismo, 1 o cinema, 16 o fanatismo religioso, 11 a violência, 8 a destruição, 14 a cultura, 4 a arquitetura, 6 as especiarias, 3 o alfabeto, 3 os números, 1 a caridade. Fica evidenciado que elementos como: guerra, terrorismo e fanatismo religioso levam grande vantagem com os demais, com exceção de cultura, que teve 14 ligações.

PROPOSIÇÕES A PARTIR DOS RESULTADOS

Inicialmente temos que destacar que, a identificação do problema, ou seja, a observação da questão de imparcialidade dos meios de comunicação quando se trata do Oriente Médio no Ocidente e a produção de sentidos construída sobre esse espaço geográfico, não é suficiente, por mais que seja importante. Assim, a crítica pela crítica em si não se torna completa, é preciso, pois, apontar proposições, caminhos, que de longe são soluções, contudo, são possibilidades, proposições.

A partir da breve pesquisa proposta aos estudantes, por mais efêmera que possa parecer, é um meio de identificação e, posteriormente, de propor ideias que refutem ou atenuem uma visão deturpada das culturas orientais, ou que alimentem a intolerância entre povos e culturas. Dessa forma, a partir daqui traremos alguns elementos que podem auxiliar os docentes na prática do ensino em torno do Oriente muçulmano.

Primeiramente, a leitura crítica dos materiais disponíveis na escola é um importante começo. O livro didático, muitas vezes, é o único recurso utilizado pelos professores ou, com mais frequência, o único suporte fora da escola para os estudantes. Assim, sem um elemento de comparação ou sem parâmetros reflexivos, o conteúdo torna-se acabado, pronto. No caso do Islã ou do Oriente Médio, em História, o primeiro contato sobre essa questão se dá no 6º ano dos anos finais do Ensino Fundamental. Quando estudamos os povos da Antiguidade, grande parte dessas coletividades está localizada geograficamente na faixa que atualmente

concentram-se as sociedades muçulmanas ou árabes. O Oriente Próximo, porém, nesse recorte temporal, é o pré-islâmico, o que, por vezes, dá à impressão, por esse elemento, de não ser ligado ao fanatismo religioso ou ao terrorismo, justificativa já usada por governos em determinados períodos históricos^v. Outro exemplo é no 9º ano do Ensino Fundamental, quando nos últimos capítulos dos livros aparecem a Revolução Islâmica Iraniana de 1979 e a relação com os Estados Unidos. Na sequência, por vezes, temos a questão do ataque às torres gêmeas do World Trade Center, no 11 de setembro de 2001. Fica intrínseco, nesse caso, que o Oriente Médio e os povos islâmicos têm total e exclusiva ligação com esses fenômenos, ou seja, guerras, conflitos contra o Ocidente e a irracionalidade. Ataques como as bombas atômicas de Hiroxima e Nagazaki, em agosto de 1945, não são tratados como atos terroristas, por exemplo.

Além da criticidade ao material didático escolar, outro ponto que destacamos é a leitura de obras que discutem a relação entre Oriente e Ocidente. Algumas dessas já foram apresentadas aqui nesse breve estudo, contudo existem uma série de estudos, teses e dissertações que tratam desse tema. Situações como a do grupo terrorista Estado Islâmico, *Hammas*, *Hesbollah* e outros grupos não devem ser vinculados como únicos grupos terroristas no mundo. No Brasil, apenas para citar, o Comando Vermelho (CV) e o Primeiro Comando da Capital (PCC), além dos grupos neonazistas, também são grupos terroristas, mas no noticiário não são acompanhados do termo cristãos. Assim, quando lemos ou assistimos uma reportagem em que atos de terrorismo praticados por islâmicos ocorreram, fica a impressão que apenas islâmicos cometem esse tipo de ação. Na Europa, em outro exemplo possível, o grupo IRA é uma facção paramilitar formada, essencialmente, por católicos irlandeses.

Trazer outros filmes, não apenas os holywoodianos, *blockbusters* (filmes arrasta-quadro) que enchem as salas de cinema e exaltam o salvacionismo estadunidense, também é uma boa estratégia. Obras cinematográficas iranianas, paquistanesas, árabes entre outras, torna-se uma forma de diálogo plural. Como encontrá-las? A internet está cheia dessas obras.

Enfim, procuramos apresentar algumas estratégias de inúmeras outras que podem ser propostas, tanto a partir dessas como as que não foram sequer mencionadas, mas que não temos espaço suficiente para mencionar. De qualquer modo, o primeiro passo, e, acreditamos o mais importante, é a preocupação e/ou interesse dos profissionais da educação em desconstruir estereótipos ou elementos determinados pela sociedade através dos produtos fomentados pela indústria cultural e as *mass media*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim sendo, a partir dos debates suscitados, dos resultados da pesquisa proposta, pode-se observar que o ensino de história tem papel fundamental na formação crítica e reflexiva do ser humano. Ver, ler e compreender o mundo requer acesso às informações de maneira problematizada e contextualizada. *A construção do outro*, nesse sentido, está justamente em uma visão parcial e unilateral daquilo que absorvemos todos os dias. Dessa forma, o papel da escola e do ensino, nesse caso em especial o de História, torna-se essencial como mediador e facilitador do processo de crítica ou reflexão do que se mostra pronto e simplificador.

Quando mais estranho e distante, *o outro* é diferente e, por vezes, entendido por perigoso, pois criamos receio ou aversão ao que não conhecemos. As representações acerca de determinadas culturas, religiões, povos ou sociedades, podem fortalecer o sentimento de estranheza e distanciamento. Aproximar e esclarecer mitos ou produções de sentidos totalmente desvinculadas com aquilo que se tinha construído inicialmente é função também do ensino de História. Essa nos parece, a essência do estudo e do ensino de História, a oferta de visualização do mundo plural, diversa, não pré-concebida e com pré-conceitos determinado, acabado, mas, muito pelo contrário, o que está para ser desvendado diariamente.

As culturas do Oriente, em especial os muçulmanos são, sim, visualizados no Ocidente como esse *outro*, distante, distinto, estranho e perigoso. Cabe aos professores engajados com uma educação problematizadora, crítica, reflexiva e preocupada em formar sujeitos integralmente, mostrar que existem mais elementos para compreender o mundo, sem as amarras que, muitas vezes, a mídia (*massa media*) produz para deleite e enriquecimento de grupos particulares.

NOTAS

¹Disponível em <https://docs.google.com/forms/u/0/> acesso em 31 ago. 2019

¹Disponível em

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSebyhXMDPY7oncFtXY76_8jnJDrx8XBgD_GPOxC52cYO4tT5w/vieform acesso em 01/09/2019 às 22h: 35min.

¹Disponível em <https://classroom.google.com> acesso em 31/08/2019 às 14h23min.

¹ O Irã foi escolhido pelo fato das nossas pesquisas terem se voltado, nos últimos anos para a temática da Revolução Islâmica Iraniana de 1979 como um produto do estranhamento das relações entre esse país com o Ocidente, principalmente com os Estados Unidos.

¹ Aqui, em especial, quando analisamos a questão da dinastia Pahlavi no Irã entre 1925-1979.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BARROSO, Vera Lucia Maciel... *et al.* org. **Ensino de história: desafios contemporâneos –** Porto Alegre: Est: Exclamação: ANPUH/RS, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2003.

CHOMSKY, Noam. **O império americano: hegemonia ou sobrevivência.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da História e o último homem.** Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991).** São Paulo: Cia das Letras, 1995.

KANAAN, HanenSarkis. O fim da história e o último homem. **Revista Percursos**, v. 6, n. 1. Florianópolis: UDESC, 2005. Resenha. Disponível em <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/viewFile/1451/1224> Acesso em 05 set. 2019

LOUSARDO, Domenico. **A linguagem do império: léxico da ideologia estadunidense.** São Paulo: Boitempo, 2010.

LUCCHESI, Marco. (Org). **Caminhos do islã.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010

